

## MARIE LOUISE NERY – UMA VIDA DEDICADA À ARTE BRASILEIRA

Autora: Leila Bastos Sette

Orientador: José Dias

Bolsista CNPq

**Resumo:** O presente trabalho refere-se a um capítulo dedicado à biografia da renomada artista plástica, cenógrafa e figurinista Marie Louise Nery e faz parte do projeto de pesquisa intitulado: "O sentido e a linguagem do figurino teatral, na obra de Marie Louise Nery", o qual pretende dar continuidade ao estudo do figurino teatral iniciado no Mestrado e se propõe a refletir sobre a linguagem e o sentido do traje de cena, construído para diferentes tipos de espetáculos, tendo como principal objeto de estudo os figurinos criados pela artista. Marie Louise nasceu em Berna, Suíça, em 1924 e na sua terra natal frequentou as escolas de Gewerbeschule e de Kewstgwerbeschule. Encantada com a nossa cultura e arte, em 1957 veio para o Brasil e se casou com o cenógrafo Dirceu Nery, realizando juntos importantes trabalhos para a cena espetacular brasileira. Professora aposentada de Artes Plásticas e de Indumentária, da Escola de Teatro, no Centro de Letras e Artes – CLA, da UNIRIO e da Escola de Belas Artes – EBA, da UFRJ, formou uma geração de grandes artistas. Atualmente, Marie Louise vive no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde fixou residência desde que chegou no Brasil.

**Palavras-chave:** trajes de cena; espetáculo; moda

A presente pesquisa se propõe a lançar um novo olhar no problema da construção do figurino teatral e procura refletir sobre a linguagem e o sentido das variadas concepções dos trajes de cena, em diferentes tipos de espetáculos, tendo como principal referência os figurinos criados pela renomada figurinista Marie Louise Nery. Há mais de 50 anos, essa artista contribuiu para o engrandecimento da cena espetacular brasileira, imprimindo a sua marca, o seu estilo inconfundível e ilustrando as páginas da história do nosso teatro.

Marie Louise da Câmara Nery nasceu em Berna, na Suíça, no dia 31 de maio de 1924. Filha de Marie Fol e de Frederic Charles Fol cresceu e foi educada sob rígidos preceitos e costumes de uma família protestante. Nos seus arquivos, ela guarda alguns belos desenhos, feitos a lápis, de seu pai, quando era um jovem estudante, o qual, embora nunca tenha pretendido ser um artista plástico, os desenhos se assemelham aos estudos de um mestre da pintura. Segundo Marie Louise, esses documentos comprovam o rigoroso sistema de ensino do

seu país, na época, quando os alunos eram obrigados a reproduzirem as figuras humanas de acordo com o ideal de perfeição, através da harmonia e equilíbrio das linhas, volumes e formas, próprio do estilo neoclássico. No entanto, diante dessas remotas fontes iconográficas, revelam-se, sobretudo, a sua herança genética.

Na Suíça, Marie Louise frequentou as escolas de Gewerbeschule (Escola técnica de ofício) e Kewstgwerbeschule (Escola de artes utilitárias). Contudo, ovelha negra da família, segundo os seus depoimentos, a jovem preferiu buscar novos rumos e, atraída pela nossa cultura, em 1957, chegou no Rio de Janeiro, onde vive até os dias de hoje. Aqui a criatividade transborda livremente, das paisagens repletas de gente morena, luminosa e iluminada, na forma de poesia infinitamente cantada. Recanto ideal para gerar a sua arte, fortemente influenciada pela nossa cultura – primeira grande e confessa paixão – comprovada através das belas máscaras africanas e ameríndias dos deuses e semideuses, de sua autoria, que povoam o seu ateliê, na Travessa Sta. Leocádia, em Copacabana, onde fixou residência, além de outras, igualmente, belas e raras que fugiram do seu convívio, para habitarem as cenas e rituais mágicos, em consagrados espetáculos, talvez, a exemplo da sua própria criadora. Essa jovem suíça, de pele branca e de olhos azuis se naturalizou brasileira, transformando-se numa renomada artista de alma afro-ameríndia.

Antes, porém, ainda na Suíça, numa exposição realizada no museu de Neuchâtel, em 1956, quando Marie Louise representava o *stand* brasileiro de arte popular, ela conheceu o artista plástico e cenógrafo Dirceu Nery, seu futuro marido e parceiro na criação de diversos cenários, adereços e figurinos, em espetáculos grandiosos, no Brasil. Desse casamento nasceu o filho Frederico da Câmara Nery que vive atualmente na Suíça.

Entretanto, é importante lembrar que, sob o clima efervescente dos anos 50, em plena "Era JK", dos famosos "anos dourados", o casal de artistas passou a integrar uma geração de jovens talentos, transformadores da arte e da cultura brasileira. Podemos verificar esse fato no filme "Edu Coração de Ouro" (1968), dirigido por Domingos de Oliveira, em que o casal Nery representa a eles mesmos, filmados na sua casa e ateliê, em Copacabana. Nesse quadro, Dirceu Nery manipula as suas lindas e poéticas marionetes, sob o olhar do ator Paulo José, que viveu o papel de Edu.

Uma década antes, em 1959, quando Marie Louise realizou os figurinos de “Todomundo”, sob a direção de Bárbara Heliodora, grandes artistas contribuíam efetivamente para a modernização do nosso teatro, como: Ziembinsky, Giani Ratto, Maria Clara Machado, Nelson Rodrigues, Tomás Santa Rosa, Pernambuco de Oliveira, Cacilda Becker, Fernanda Montenegro, Sérgio Brito e Ítalo Rossi, dentre outros famosos, com os quais essa artista suíça-brasileira conviveu.

Marie Louise também se envolveu com o nosso carnaval – outra paixão declarada – inicialmente, em 1958, ao participar da comissão julgadora dos desfiles. No ano seguinte, Nelson de Andrade “fez o convite para que Nery e Marie Louise fossem carnavalescos do Salgueiro” (COSTA, 2003: 42). Ela criou as fantasias do enredo que contava a história das *Viagens pitorescas e históricas de Debret*, título da obra em que Debret reuniu todos os registros em desenho e pintura sobre o Brasil e fez editar em Paris entre 1834 e 1839” (*Idem*), retratando os hábitos e os costumes do Brasil Colônia.

Depois de alguns anos consecutivos sem sair do quarto lugar, no carnaval de 1959, a escola conquistou o segundo, demonstrando dessa forma a aceitação, por parte dos jurados, da estética da nova carnavalesca. Em 1960, Fernando Pamplona, convidado por Nelson de Andrade, desenvolveria o enredo que contava a história do *Quilombo dos Palmares*. Inovando os desfiles de enredos, até então, patrióticos e nacionalistas, coloriu a Avenida de vermelho e branco, nos traços, volumes e formas da África, ao narrar a história da escravidão do negro africano. Um grande teatro, ao ar livre, onde uma espetacular “performance procissional” apresentou a origem da nossa cultura. No mesmo ano, Marie Louise realizou o carnaval da Portela, vestindo a escola para a festa d’*O Casamento de D. Pedro* e vencendo o campeonato.

No ano anterior, porém, com o enredo sobre Debret, os figurinos de Marie Louise já tinham conquistado o espaço do samba, lutando contra as chuvas e a favor do tempo renovador. As chuvas tornavam as fantasias mais pesadas, segundo a carnavalesca, mas os foliões, carregando os adereços dos trajes e alegorias soltos no ar, era a grande novidade. A beleza de elementos, como: enormes cestos de palha cheios de aves, cadeirinhas, guarda-sóis e outros que dançavam e pulavam, ao mesmo ritmo e de forma harmônica, maravilhou os olhos e engrandeceu esse espetáculo.

Marie Louise Nery chegou no Rio de Janeiro quando os referidos desfiles se realizavam nas Avenidas do Centro da cidade. Era um momento de transição, pois esse espaço público não comportava mais o grande contingente de pessoas que iam assistir ao espetáculo – síntese do carnaval carioca – e o crescente número de foliões. A artista trazia consigo o aprendizado profissionalizante da Suíça, em artes utilitárias, história da moda, evolução da indumentária, das técnicas de construção do figurino teatral e seus aspectos cênicos, plásticos e visuais, dentre outros conhecimentos.

O desejo de inovação e aperfeiçoamento de uma escola de samba, em fase de crescimento, na busca da conquista de um lugar entre as melhores representantes do carnaval, provavelmente, coincidiu com a procura de Marie Louise pelo reconhecimento da sua profissão. Ao mesmo tempo, percebemos que o início da sua trajetória, também, coincide com as transformações estéticas das escolas de samba. Do seu casamento com a nossa cultura e com o teatro carioca, além da sua dedicação ao ensino da construção dos adereços e da indumentária, nasceram renomados carnavalescos e artistas do nosso teatro.

Em “Debret”, através da pesquisa e da criatividade, embora Marie Louise declare ser uma criação muito acadêmica, ela reinventou os trajes de época, ora estilizando os seus modelos originais, ora simplesmente embelezando-os, ou melhor, fantasiando-os com o acréscimo de materiais dotados de grande plasticidade e efeitos visuais. Segundo a artista, a criação das fantasias de Dona Beija, para o desfile carnavalesco de 1968, da mesma escola, foi mais gratificante, pois o enredo lhe permitiu um vôo maior pelo imaginário, além das formas predeterminadas e específicas da indumentária de uma época histórica.

Outro fato importante que deve ser lembrado é que naqueles primeiros anos de renovação estética não existia um lugar específico, um barracão, para os artesãos trabalharem e Marie Louise subia o morro, se deslocando de casa em casa, visitando as costureiras, para lhes ensinar a modelagem e o corte dos seus "riscos", conforme eram chamados os desenhos das fantasias.

Não é difícil imaginar o contraste da sua figura branca, alta, magra e loura, diante do olhar desconfiado dos moradores da comunidade salgueirense, os quais não compreendiam o porquê da presença daquela "gringa", de língua arrevesada. Contudo, realizou um magnífico desfile, exemplar para as demais Escolas de samba e gerações futuras de carnavalescos. Esse trabalho, que na época não era remunerado, futuramente, lhe conferiu o título de "Primeira Mulher

Carnavalesca" e, de 1959 a 1968 criou as fantasias para o Salgueiro e Portela, quase que alternadamente.

Voltando às questões dos trajes de cena, no mesmo ano, a artista também se dedicou ao teatro carioca, assinando os belos figurinos de "Todomundo", citado anteriormente. Essa peça foi encenada no teatro Ginástico, no Rio de Janeiro e as críticas positivas em relação aos trajes medievais construídos em materiais rústicos, como a juta tingida, comprovam o seu talento inovador. Ao mesmo tempo, no cinema, confeccionou as máscaras para o filme "Orfeu Negro, de personagens importantes como: *A Morte*, além de modelar o "Sol", sob a direção de Marcel Camus, numa adaptação da peça teatral "Orfeu da Conceição", de Vinícius de Moraes.

Paralelamente a sua dedicação à arte, Marie Louise teve outra paixão: os seus alunos e, em setembro de 1964, começou a lecionar no então Conservatório de Teatro, hoje Escola de Teatro, do Centro de Letras e Artes – C.L.A. da UNIRIO e, em 1980, no Departamento de Cenografia da UFRJ, como Professora Assistente. Nesse espaço de tempo dedicado ao ensino das artes, realizou proeminentes obras e, traçando uma linha transversal na seqüência dos momentos mais importantes da sua vida profissional, essa pesquisa tece uma escrita entremeada de cenas e de figuras espetaculares que contam a história do teatro e do espetáculo brasileiro. Das vertentes formadas por esse corte transversal, dentro do processo de análise dos figurinos, surgem as questões relacionadas com os sistemas geradores das respectivas linguagens cênicas.

Na pesquisa anterior, objetivando conhecer e analisar esses sistemas constituídos pelos trajes e adereços dos personagens alegóricos do teatro de revista, na virada do século XIX, os croquis do caricaturista português Rafael Pinheiro Bordalo serviram como excelentes fontes documentais. Agora, os croquis dos figurinos alegóricos criados por Marie Louise Nery, em "Todomundo", também, oferecem dados importantes sobre a construção desse tipo de figurino. Através da análise dos trajes dos personagens, como: *A Sabedoria, A Riqueza, A Beleza, A Morte, Cinco Sentidos, A Força, Boas Companhias e Critério, Primo e Parente, Todomundo, Confissão e Boas Ações*, diversos elementos visuais e funcionais que formulam a sua linguagem poderão ser identificados e analisados.

A década de 1960, ponto alto de sua produção, foi extremamente enriquecedora para Marie Louise e para o nosso teatro, principalmente, o Tablado, junto à Maria Clara Machado. Os anos que a artista ali trabalhou, segundo os seus depoimentos, significaram muito para a sua profissão e acima de tudo considera esse teatro como uma grande escola. Transcrevo a seguir os

espetáculos em que a artista participou, ora construindo os cenários, máscaras, bichos e adereços, ora outros importantes objetos, como os trajes de cena.

- “O Cavalinho Azul”, com texto e direção de Maria Clara Machado, encenada em 1960, foi “um dos espetáculos mais celebrados na história do Tablado” (BRANDÃO, 2005: 139). Marie Louise e Dirceu Nery construíram os bichos e “... a peça preferida da autora inovou na concepção da cena por apresentar o palco limpo, despojado, indicando uma orientação nova e diferente para pensar a cenografia” (*Idem*).

- “A Menina e o Vento”, encenada em 1963, de acordo com a crítica de Carlos Drummond de Andrade, do *Correio da Manhã*, “...o belo cenário de Marie Louise Nery emoldura a estória como uma decoração para o sonho: reconhecemos as formas, porém percebemos que naquele sítio ocorrerão acontecimentos extracotidianos”. Yan Michalski também escreveu sobre a peça, no *Jornal do Brasil* e declarou que Maria Clara havia encontrado, em Marie Louise Nery, uma grande colaboradora.

Maria Clara encontrou, em Marie Louise Nery, uma colaboradora de primeiríssima ordem, que criou um cenário excepcionalmente bonito e *atuante* e que oferece, ao mesmo tempo, muita margem às invenções e aos truques da diretora. Também as roupas atingem plenamente o objetivo visado, merecendo menção especial a impressionante figura do Vento.

Na sequência das encenações dos textos de Maria Clara Machado, do Tablado, nos quais Marie Louise participou, constam as seguintes peças infantis:

- “O Rapto das Cebolinhas”.
- "A Volta do Camaleão Alface"
- “O Aprendiz de Feiticeiro”.
- “O Dragão Verde”.
- "Camaleão na Lua".
- “A Bruxinha Que Era Boa”.
- “Sonhos de Uma Noite de Verão”.
- “Os Embrulhos”.

No teatro para o público adulto:

- “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, em 1958, foi encenada no teatro Dulcina, sob a direção artística de Ziembinski, cenários de Gianni Ratto e grande elenco, marcando a estréia da Cia de Teatro Cacilda Becker. Marie Louise construiu os adereços.

- “Todomundo”, de autor desconhecido, encenada em 1959, na Igreja Nossa Senhora da Glória e no Teatro Ginástico, no Rio de Janeiro, sob a direção de Bárbara Heliodora e cenários de Joel de Carvalho. O crítico Gustavo Dória (*Jornal O Globo*; 28-03-59) escreve que Marie Louise e Dirceu Nery eram os "responsáveis pelos figurinos de rara beleza".

- “As Artimanhas de Escapino”, de Molière, sob a direção de Roberto de Cleto, cenários de Dirceu Nery e figurinos de Marie Louise Nery.

- “O Filhote do Espantalho”, peça infantil de Oswaldo Waddington, sob a direção de Rofran Fernandes, cenários de Dirceu Nery e figurinos de Marie Louise.

- “Escurial”, de Michel de Ghelderode, sob a direção de Ivan de Albuquerque, cenário de Joel da Carvalho e figurinos de Dirceu e Marie Louise Nery.

- “Os Contos da Rua”, de Pascoal Longo, no Teatro Copacabana, sob a direção de Jack Brown, figurinos e acessórios de cena de Dirceu e Marie Louise Nery.

- "Natal na Praça, Uma Família Cigana", de Henri Chéon.

- “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, em 1966 foi adaptado por Marie Louise e Dirceu Nery, para o Teatro de Bonecos Carlos Werneck, no Aterro do Flamengo. Segundo reportagem intitulada: "O pequeno marionete" (*Jornal do Brasil*; 24-7-66), "...o boneco do Pequeno Príncipe inclusive já está pronto e quem o viu conta que é cheio de poesia".

- “O Círculo de Giz”, de Bertolt Brecht, encenada em 1963, pelo TNC, no Rio de Janeiro, sob a direção de José Renato. Uma reportagem da revista *Manchete* afirma que “o espetáculo é um dos mais ambiciosos até hoje realizados pelo Serviço Nacional de Teatro” e dentre “uma excelente equipe”, os nomes de Marie Louise e Dirceu Nery aparecem como autores das máscaras. Segundo o crítico Van Jafa, “a realização das máscaras e outros pertences cênicos representa trabalho primoroso de fôlego”.

- “Meu Reino Por Um Cavalo”, de Dias Gomes, sob a direção de Antônio Mercado, a artista realizou os figurinos.

- “César e Cleópatra”, de Shaw, encenada em 1963, pela Cia Cacilda Becker, Marie Louise confeccionou o adereço de cabeça para essa atriz, no papel de Cleópatra.

- Em “Electra”, confeccionou os adereços.

- “A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Éfeso”, de Guilherme Figueiredo, sob a direção de Alexandre de Gall, a artista realizou os figurinos.

- “Mirandolina”, de C. Goldoni, encenada em 1964 pela Cia de Teatro dos Sete, sob a direção e cenários de Gianni Ratto e figurinos de Marie Louise Nery, no Teatro Ginástico, no Rio de Janeiro. Esse mesmo grupo teatral de renomados artistas, em 1961, apresentou no Festival de Comédia, promovido pela *Maison de France*, os seguintes espetáculos:

- “O velho ciumento”, de Cervantes.

- “O Médico Volante”, de Molière.

- “Os ciúmes de um pedestre” ou “O terrível capitão do mato”, de Martins Penna.

Na temporada de 1961, do Teatro do Rio, sob a direção de Ivan de Albuquerque, Dirceu e Marie Louise Nery assinaram os cenários e figurinos ao lado de outros renomados artistas, como: Anísio Medeiros, Campello Neto, Joel de Carvalho, Kalma Murtinho, Napoleão Muniz Freire, Nilson Pena e Paulo Bandeira.

Nas Temporadas Líricas do teatro Municipal, do Rio de Janeiro e de Niterói, Marie Louise concebeu os figurinos das seguintes óperas e ballets:

- “Il Dibuk”, Ópera de N. Rocca, de Ludovico Rocca, encenada no Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, na Temporada Lírica de 1962.

- “Peter Grimes”, de Benjamim Britten, na Temporada Lírica de 1967, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

- O Ballet “Gizelle”, no Teatro Municipal, RJ.

- O Ballet “Cinderela”, no Teatro Municipal, RJ.

- “A Valsa”, Ballet de Marlos Nobre, no Teatro Novo.

- “Tiradentes” (Os Inconfidentes) de C. Meirelles, no Teatro Municipal, RJ.

- “Il Campanello”, Ópera de Gaetano Donizetti, sob a direção e cenários de Gianni Ratto, encenada no Teatro Municipal de Niterói, em 1971.

- “Amahl e os Visitantes Noturnos”, de G. Menotti, sob a direção e cenários de Gianni Ratto, encenada na mesma temporada e teatro acima citados.

No Teatro Municipal do Paraná:

- “A Megera Domada”, de William Shakespeare, sob a direção e cenografia de Cláudio Correa e Castro, encenada em 1964. Segundo o crítico Van Jafa, no *Jornal Correio da Manhã*, no parágrafo que escreve sobre o figurino, afirma o seguinte:

Veste os personagens de Shakespeare a renomada e premiada (inclusive na Bienal de São Paulo) Marie Louise Nery, que tem marcado positiva presença em nossos palcos. Presentemente é responsável pelos figurinos de “Sonhos de Uma Noite de Verão” e de “Mirandolina”. Seus foram os figurinos do Festival de Comédia levado a efeito pelo Teatro dos 7.

Nos Teatros do Rio de Janeiro:

- "Uma Consulta", de Artur Azevedo, no Teatro do SNT.

- "Uma Vendedora de Recursos", de Gastão Tojeiro, no Teatro do SNT.

- "Os Meirinhos", de Martins Penna, no Teatro da FIFIERJ.

- “A Saída, Onde Fica a Saída?”, encenada em 1967 pelo Grupo Opinião, sob a direção de João das Neves e cenografia de Gianni Ratto, Marie Louise e Dirceu Nery realizaram os figurinos e adereços.

- “Dura Lex Sed Lex no Cabelo Só Gumex”, de Oduvaldo Viana Filho, encenada em 1967, no Teatro do Autor Brasileiro, no Teatro Mesbla. A artista assinou os figurinos.

- “Como se Livrar da Coisa”, de Eugène Ionesco, encenada no Teatro Ipanema, em 1969, sob a direção de Rubens Correia. Marie Louise realizou os cenários e os figurinos. Segundo a crítica de Yan Michalski, no *Jornal do Brasil* da época, “... excelente cenário de Marie Louise Nery, de uma desolação impressionante e com uma inteligente solução para o problema do crescimento do cadáver...”

- “A Noite dos Assassinos”, encenada em 1969, no Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro. Marie Louise realizou as máscaras.

- “Chiquinha Gonzaga”, encenada pela Cia Eva e seus Artistas, em 1974, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, sob a direção e cenografia de Pernambuco de Oliveira e figurinos de Marie Louise Nery.

- “Meu reino por um cavalo”, de Dias Gomes, sob a direção de Antônio Mercado, cenários de José Dias e figurinos de Marie Louise, encenada em 1989, no Teatro Nelson Rodrigues, no Rio de Janeiro.

- "Transas e Tranças", encenação dos textos: "A Consulta" e "Uma Vendedora de Recursos", respectivamente, de Artur Azevedo e Gastão Tojeiro, sob a direção de João das Neves e figurinos de Marie Louise Nery.

- “Lisístrata”, de Aristófanes, uma produção da UNIRIO. Marie Louise confeccionou os figurinos e os adereços.

- “O sorriso ao pé da escada”, de H. Miller, encenada em 1996, no Teatro Gláucio Gil, Rio de Janeiro, sob a direção de Mônica Alvarenga, cenários de José Dias e figurinos de Marie Louise Nery.

- “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, sob a direção de Heloisa de Toledo Machado, uma produção da UNIRIO, Marie Louise realizou os figurinos.

- “Cabeças Trocadas”, sob a direção de Mônica Alvarenga, Marie Louise realizou os figurinos.

No cinema:

- “Orfeu Negro”, em 1959, de Vinícius de Moraes, sob a direção de Marcel Camus, embora o seu nome não conste na ficha técnica, Marie Louise Nery realizou as máscaras e a escultura do “Sol”.

- “Os Selvagens”, em 1964, de Eugênio Martin, sob a direção de Franz Eichom e Eugênio Martin, o casal Nery trabalhou nessa montagem, embora seus nomes não constem na ficha técnica do filme. Segundo informações de Frederico Nery, o seu pai Dirceu Nery realizou os efeitos especiais.

- “Le Sorelle”, em 1969, de Brunello Rondi, sob a direção de Roberto Malenotti, Marie Louise realizou os figurinos.

- “As Duas Faces da Moeda”, em 1969, de Joaquim Assis, sob a direção de Domingos de Oliveira, Marie Louise realizou os figurinos.

- “A Dança das Bruxas”, em 1970, de Francisco Dreux, uma adaptação de “A Bruxinha Que Era Boa”, de Maria Clara Machado, Marie Louise assinou a cenografia.

- “Le Grabuge”, em 1973, de Jean Duvignaud, sob a direção de Édouard Luntz, Marie Louise realizou os figurinos.

- “Gargalhada Final”, em 1979, escrito e dirigido por Xavier de Oliveira, embora não conste o seu nome na ficha técnica do filme, a artista criou o boneco articulado que é manipulado pelo ator Fregolente.

Os riscos das fantasias carnavalescas, os esboços e croquis de Marie Louise Nery mostram de forma clara a grande teatralidade dos seus trajes de cena, criados para diferentes tipos de espetáculos. Percebe-se, por exemplo, que os trajes desenhados para o Festival de Comédia e “Mirandolina” constroem caricaturas dos personagens, sem, no entanto, perderem os seus traços históricos.

Em “Chiquinha Gonzaga”, encenada em 1974, pela Cia Eva e seus Artistas e dirigida por Pernambuco de Oliveira, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, observa-se que os figurinos de época, diferentes de “Mirandolina”, revelam uma estética cênica realista e se assemelham a belas ilustrações históricas do vestuário, pois imitam com veracidade a moda carioca, sob a influência da moda francesa, do final do século XIX. Nesse caso, os seus croquis deixam claro que Pernambuco de Oliveira desejava conceber a cena, de acordo com a estética realista, através de elaborada visualidade, ressaltando que uma verba generosa contribuiu para a montagem de uma grande produção.

Contudo, nota-se que os figurinos desse espetáculo, além de vestirem a grande atriz e estrela Eva Todor, cuja aparência elegante deveria ser realçada, eram trajes criados para um musical que exigia certo requinte e sofisticação. Em contrapartida, na comédia, mesmo se tratando de uma “comédia séria”, dentro da “hierarquia teatral” (PRADO, 1999), como em “Mirandolina”, representada por Fernanda Montenegro e um naipe de artistas nascidos da “fábrica de estrelas” (BRANDÃO: 2002), os trajes, na maioria das vezes, eram mais estilizados ou caricatos, pois determinados caracteres, próprios dos personagens cômicos, são sublinhados através dos seus figurinos.

A contribuição de Marie Louise Nery à cena carioca é grande e valiosa, tendo em vista que a sua arte não se deteve apenas nos palcos dos teatros, ao criar os 150 figurinos para o “Sítio do pica-pau amarelo”, famoso programa da televisão nacional. Além de revolucionar os desfiles das escolas de samba, do teatro, Ópera e Ballet, alçou vôo para o cinema, iluminando o *Sol* de “Orfeu

Negro”, dentre outras montagens consagradas, com o brilhantismo e o domínio técnico da sua arte.

Quanto às exposições, Marie Louise expôs em 1962 e 1963, pinturas e tapeçarias, no Museu de Arte Moderna de Belo Horizonte e, numa recente visita ao Arquivo Geral dessa cidade, pude verificar que não existe nenhum registro das obras expostas naquele evento. Ao mesmo tempo, a artista declarou que todas as suas peças foram vendidas. Em 1992, realizou a exposição individual intitulada: "Máscaras e Estandartes: expressões mágicas", na Casa das Luzes, RJ; em 1994, "Máscaras", no galpão do MAM, RJ; "Ilustradores", na ABI; "Figurinos de Carnaval de Debret", de 8 a 18 de maio de 1997, na Casa de Cultura Laurinda Santos Lobo, em Santa Teresa, RJ. Em 2007, foi homenageada pelo Tablado, quando remontaram a peça "O Dragão Verde". Nessa ocasião, Marie Louise foi convidada para confeccionar novamente o Dragão, de sua autoria. Ao mesmo tempo, foi inaugurada a sua mais recente exposição, intitulada: "Mascarados", em que a artista apresentou belas pinturas s/tela, realizadas nessas últimas décadas.

### **Conclusão**

São incontáveis os trabalhos de Marie Louise Nery que merecem destaque, inclusive, ilustrou livros infantis de autores como: Maria Clara Machado, Vinícius de Moraes, Lygia Bojunga Nunes, Manuel Bandeira e Cecília Meireles. As homenagens, Certificados e Diplomas de Agradecimento, que completam o seu belo currículo, além das diversas premiações, tais como: C.I.C.T. e o A.B.O.T., em 1961 e o C.I.C.T. em 1964, RJ; Prêmio Molière - 1962, em São Paulo e o Primeiro Prêmio na VII Bienal de Teatro de São Paulo, em 1963, comprovam o inestimável valor e grandiosidade da sua obra.

No seu arquivo particular, o recorte de jornal do "Caderno Feminino", do *Correio da Manhã*, publicado em abril de 1964, não nos deixa mentir, pois traz estampado, na sua primeira página, a fotografia da bela figurinista e o texto em caixa-alta, sob o título: "Crianças Aplaudem Marie – Louise", informando que, durante sete anos, a artista se dedicou ao intenso trabalho, sobretudo, ao teatro infantil, conduzindo-a à vitória, visto que "na Sétima Bienal de São Paulo, foi consagra a "Melhor Figurinista Nacional".

## Referências Bibliográficas

COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia de Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

\_\_\_\_\_. *Salgueiro: 30 anos de glória*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOUCHER, François. *Histoire du Costume*. França/Paris: Flammarion, 1983.

BRANDÃO, Tânia. *Teatro dos Sete – a máquina de repetir e a fábrica de estrelas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GUINSBURG, J. & NETO, J. Teixeira Coelho; CARDOSO, Reni Chaves. *Semiologia do teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1978.

KAZ, Leonel; HELIODORA, Bárbara; BRANDÃO, Tânia; MAGALDI, Sábado e MARINHO, Flávio. *Brasil, Palco e Paixão*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2004/2005.

LAVER, James. *A Roupas e a Moda: Uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIGIÉRO, Zeca. "Performances procissionais afro-brasileiras". In: *O Percevejo*, Ano 11, 2003.

PAVIS, Patrice. *A Análise dos espetáculos*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2003.

PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora Perspectiva, 1988.

SOUZA, Gilda de Mello e Souza. *O Espírito das Roupas: A moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.